

TRÇA

MOSTRA DE FILMES
DE ARQUIVOS FAMILIARES

BAIRRO DO CASTELO
UM MAPA IMAGINÁRIO

1. BARRIO DO CASTELO
2. BARRIO DO CASTELO
3. BARRIO DO CASTELO
4. BARRIO DO CASTELO
5. BARRIO DO CASTELO
6. BARRIO DO CASTELO
7. BARRIO DO CASTELO
8. BARRIO DO CASTELO
9. BARRIO DO CASTELO
10. BARRIO DO CASTELO

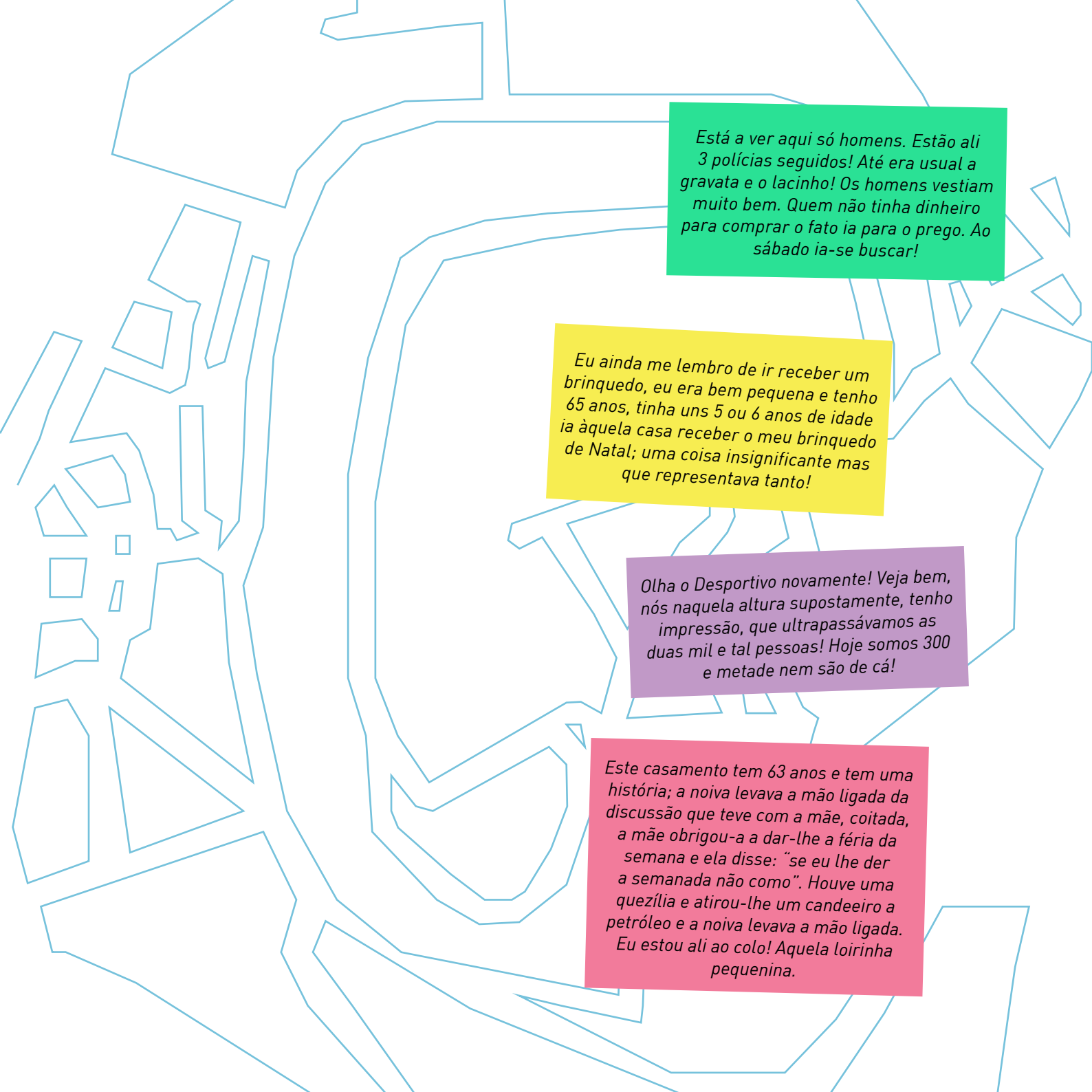
Organização



arquivomunicipal de lisboa
videoteca

Co-organização





Está a ver aqui só homens. Estão ali 3 polícias seguidos! Até era usual a gravata e o lacinho! Os homens vestiam muito bem. Quem não tinha dinheiro para comprar o fato ia para o prego. Ao sábado ia-se buscar!

Eu ainda me lembro de ir receber um brinquedo, eu era bem pequena e tenho 65 anos, tinha uns 5 ou 6 anos de idade ia àquela casa receber o meu brinquedo de Natal; uma coisa insignificante mas que representava tanto!

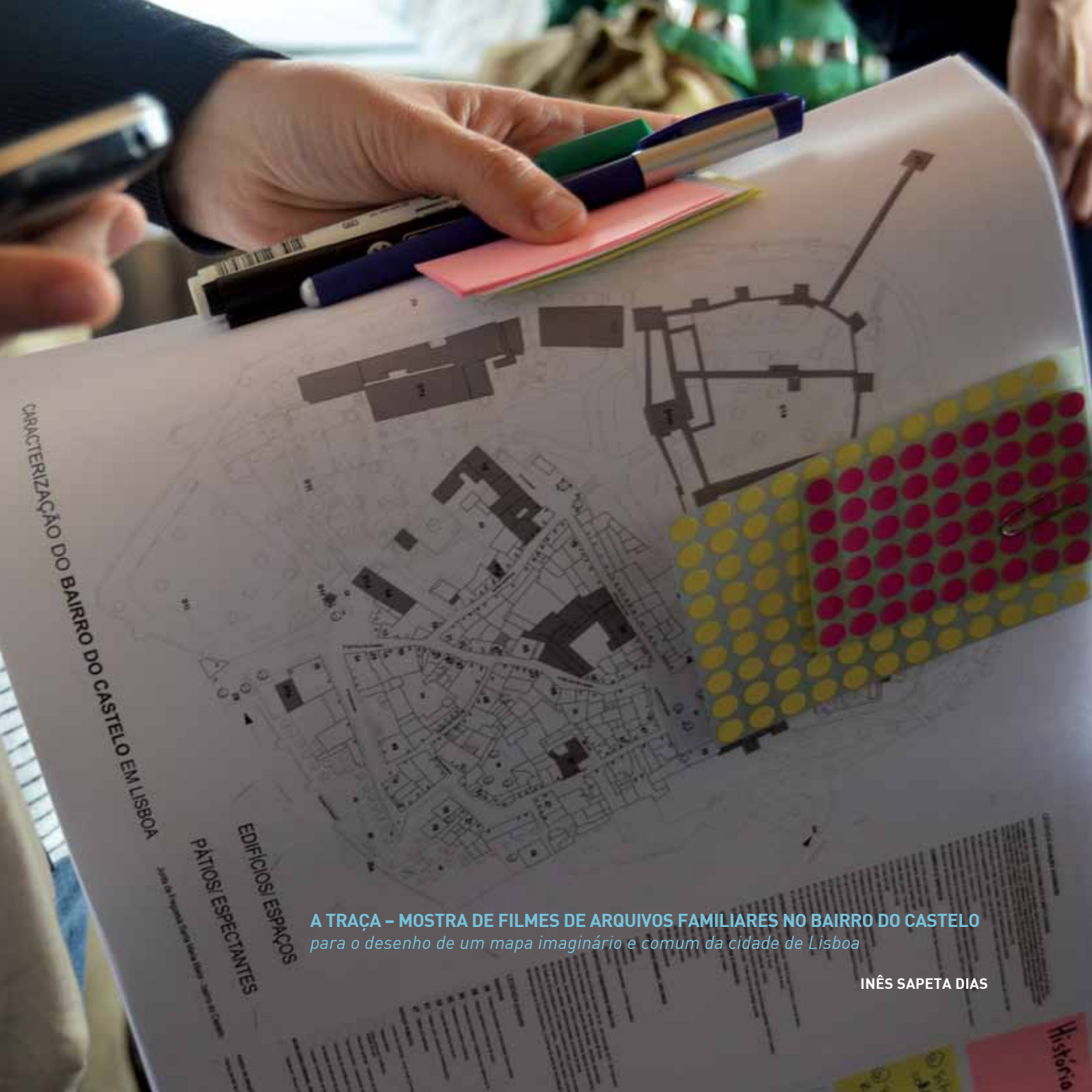
Olha o Desportivo novamente! Veja bem, nós naquela altura supostamente, tenho impressão, que ultrapassávamos as duas mil e tal pessoas! Hoje somos 300 e metade nem são de cá!

Este casamento tem 63 anos e tem uma história; a noiva levava a mão ligada da discussão que teve com a mãe, coitada, a mãe obrigou-a a dar-lhe a fêria da semana e ela disse: "se eu lhe der a semanada não como". Houve uma quezília e atirou-lhe um candeeiro a petróleo e a noiva levava a mão ligada. Eu estou ali ao colo! Aquela loirinha pequenina.

TRANÇA

MOSTRA DE FILMES
DE ARQUIVOS FAMILIARES

A TRAÇA – MOSTRA DE FILMES DE ARQUIVOS FAMILIARES NO BAIRRO DO CASTELO	9
<i>para o desenho de um mapa imaginário e comum da cidade de Lisboa</i>	
Inês Sapeta Dias	
DESACELERAÇÃO E NARRATIVAS NA CIDADE: O BAIRRO DO CASTELO	17
António Brito Guterres	
MAPAS	
Percursos	24
Percursos	32
Percursos	40
Partilha e comum	48
Privado coletivo / Espaço público / Outros	
Escala	50
Bairro / Casa / Mundo / Cidade	
Público e Coletivo	52
Espaço público / Espaço privado_coletivo / Outros	
GUIÃO DE LEITURAS	55
Casa da Achada	



CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO DO CASTELO EM LISBOA

EDIFÍCIOS/ESPAÇOS
PÁTIOS/ESPECTANTES

A TRAÇA – MOSTRA DE FILMES DE ARQUIVOS FAMILIARES NO BAIRRO DO CASTELO
para o desenho de um mapa imaginário e comum da cidade de Lisboa

INÊS SAPETA DIAS

História



A TRAÇA é uma Mostra de Filmes de Arquivos Familiares organizada pelo Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca desde 2015. Com esta Mostra procuramos recolher as memórias privadas e pessoais dos habitantes de Lisboa, para aceder, através das suas imagens e do seu olhar, a uma história alternativa e de outro modo desconhecida, da cidade. Procuramos assim contrapor à história oficial uma outra, ou outras, dando voz e espaço àqueles que fazem Lisboa todos os dias mas normalmente não participam na estabilização de um discurso sobre o que é, foi e será a cidade. É precisamente para dar voz e abrir espaço nesta construção que a TRAÇA trabalha.

Para além da recolha, esta Mostra age para a devolução dos filmes amadores, privados, de carácter familiar, à cidade. Em cada edição, a TRAÇA ocupa, para isso, um território diferente, procurando, de diversas maneiras, abrir este arquivo que está a constituir: através de projeções comentadas na primeira pessoa (pelos que fizeram e aparecem nos filmes que mostramos), de novos objetos artísticos

criados a partir das imagens familiares, espaço de criação de outras histórias, imaginárias, que têm por base reais fixadas pelos filmes, e ainda através da projeção silenciosa de filmes de família no seu estado bruto espalhados e postos a comunicar com uma zona particular da cidade (e com a sua história). A TRAÇA sobrepõe, deste modo, um mapa imaginário sobre outro, real – o das ruas e do edificado - e com isso tem levado a uma inesperada experiência de reconhecimento entre os habitantes que vêem os filmes privados de outros.

A primeira edição desta Mostra de Arquivos Familiares foi acolhida pelo Bairro do Castelo. Ao longo de dois dias, em outubro de 2015, foram projetadas nas paredes, nas janelas, nos espaços comunitários e em espaços privados (casas) do Castelo as histórias íntimas da restante cidade. Decidimos portanto começar pelo princípio, pelo mais antigo bairro de Lisboa, lugar onde toda a cidade começou. Mas não foi só por isso que a TRAÇA aconteceu no seu primeiro ano no Castelo: foi para nós



importante assinalar desde logo que, se é nosso objetivo recuperar e dar a ver as histórias daqueles que não têm voz na escrita da história, mesmo esse espaço não está aberto a todos. A TRAÇA lida com filmes de família. Até, *grosso modo*, aos anos 80, estas imagens foram sobretudo captadas em película (do 9,5mm ao super 8mm, passando pelo 16mm) e só alguns (uma minoria) tinham as condições (sobretudo financeiras) para comprar o equipamento e o material necessário à sua produção. Foi por isso importante para a TRAÇA começar, desde logo, por assinalar e integrar aquele que é também um seu campo cego. E deixar claro que, apesar de ter na sua base a abertura de um espaço – discursivo e de ação – é difícil que essa abertura seja completa.

Nesse ano não foram mostrados filmes da população do Castelo – esse bairro e essas pessoas, que são provavelmente as mais fotografadas e filmadas de toda a Lisboa, (quase) não têm filmes seus. Mas não quisemos deixar de abrir espaço na TRAÇA para a partilha de outras imagens: numa sessão muito especial, para a qual foi reaberto um dos últimos espaços comunitários do Bairro (que recentemente tinha sido encerrado), a sala do Grupo Desportivo do Castelo, ouvimos alguns moradores falarem das suas vivências e memórias (de toda uma vida) no Castelo, e ouvi-los também falar sobre as transformações por que este Bairro tem passado – desde a

reabilitação do edificado que significou a saída de centenas de moradores, grande parte deles para não voltarem às suas casas, até à recente e crescente ocupação do Bairro por milhares de visitantes (todos os dias a ocupação do Bairro aumenta em cerca de 10 vezes o número dos seus habitantes).

Nessa sessão, afastámo-nos dos filmes, por breves momentos, mas mantivemos a convicção de que é recuperando o passado (os passados) da cidade que se pode construir o seu futuro. Foi por isto, para dar continuidade ao espaço aberto na primeira edição da TRAÇA, que voltámos ao Castelo em 2016.

Orientada por António Brito Guterres, nosso convidado nessa sessão especial na TRAÇA de 2015, com perguntas atentas e conhecedoras dos processos pelos quais a cidade se está a transformar, fizemos no ano seguinte uma recolha de memórias mas também de desejos e vontades para o futuro, dos habitantes do Castelo. Tanto daqueles que ainda aí vivem, como dos que fazem passar o Bairro pelo seu quotidiano, ainda que já lá não vivam - em larga medida antigos moradores que, não podendo ou não querendo regressar às suas casas depois de mais de 20 anos de uma reabilitação (ainda) em curso, ainda fazem passar o seu quotidiano por este Bairro. A esses moradores fizemos três perguntas, dirigidas a três tempos distintos: para auscultar o passado, pedimos





que nos contassem uma história ou um acontecimento importante passado num local preciso do Castelo; para perceber como se faz o presente, pedimos que nos fosse descrito o percurso de todos os dias, nas ruas do Bairro, por cada um dos moradores com quem conversámos; e para perceber como se joga a imaginação e a perspetiva de futuro para os moradores, fizemos-lhes duas perguntas: onde é que nunca foi, gostaria de ir e como imagina esse lugar? E onde levaria um amigo que não conhece o Bairro?

Com o apoio de alguns antropólogos e ainda dos amigos da Casa da Achada (vizinhos do Castelo com quem construímos a sessão onde apresentámos os resultados dos testemunhos que recolhemos), desenhámos um enorme mapa, imaginário e comum, bem diferente daquele que costumamos *traçar* nesta Mostra de Filmes de Arquivos Familiares, mas ainda assim feito das projeções que cada um dos habitantes de Lisboa faz sobre a sua cidade. É esse mapa que apresentamos aqui.

A edição deste caderno tem, posto isto, três grandes objetivos: fixar a memória dessa sessão de dia 28 de maio de 2016; dar a conhecer os processos de trabalho e descoberta que orientaram o desenho desse e que permitem dar conta da transformação radical por que está a passar o Bairro do Castelo e da



visão que os seus mais antigos moradores têm sobre isso mesmo; e, finalmente, construir um instrumento não apenas reflexivo mas também de ação, que possa ser usado por toda a cidade mas sobretudo pela população do Bairro na construção do seu futuro.

Para tal, este caderno junta três elementos. Começa por integrar as histórias, individuais e pessoais, que recolhemos junto da comunidade do Bairro do Castelo em maio de 2016; histórias que, guiadas pelas nossas perguntas, associam sempre locais reais do Bairro a imagens, projeções ou memórias dos seus moradores. Inclui depois os mapas, gerais, do Castelo desenhados pela confluência e concentração das histórias que recolhemos, um material que, ao transformar o particular em geral, é tão surpreendente para quem não conhece a história e a vivência do Bairro, como para quem a conhece bem – o método de construção destes mapas é introduzido aqui por António Brito Guterres, que orientou todo o processo. Finalmente, este caderno faz o registo e fixa a memória dessa sessão que foi também um percurso: começou fora das muralhas que, física e simbolicamente, isolam o Bairro do Castelo do resto da cidade, num passeio pontuado por leituras que nos fizeram imaginar outras cidades nas ruas que sobem até ao Castelo, organizadas pelos amigos da Casa da Achada – leituras que quebraram nesse dia

a barreira que envolve o Castelo; continuou depois dentro das muralhas, numa visita guiada pelas ruas do Bairro que, por entre e em contraponto com as outras visitas que ocorriam ao mesmo tempo nas mesmas ruas, foi guiada pelas histórias das vidas dos moradores. E, finalmente, uma memória da discussão, quente, entre moradores e visitantes, que envolveu a apresentação dos mapas imaginários do Castelo na sala do seu Grupo Desportivo.

Num só movimento, este caderno olha então para uma história particular (ou para as histórias particulares) do Bairro do Castelo e dá conta das mudanças em curso nesse território lisboeta. Está hoje a desenhar-se o futuro deste Bairro. Talvez com este registo - do passado na primeira pessoa, da vida do presente e das perspectivas de futuro - os seus moradores encontrem espaço de ação para se aproximarem e agirem sobre esse desenho. Considerem este caderno um instrumento de trabalho.

Volta? 150 o outro não
 bifurcação da
 da a bica

(quando não estiverem
 feitas há 7 anos
 residência oficial no Carchi - a
 não há coisa, talvez p/ voltar
 ou sítio 1 7 já
 descreve não existe

B.

com subor local
 H. parciais
 do castelo deixou
 de ir lá p/ q
 não se
 proibiu há
 3 anos.
 burgão do Tejo
 (ant. antiga)

H.
 subor populares
 palco

- 1º. excursionistas
- 2º. desportivo
- uma canaia fechada
- extremamente nichel
- padarias

já não vive aqui na
 o sítio de detenção
 brevemente

PERCUPSO
 não gostu
 deposi das duas
 acabou - a o primeiro
 outro 50 amigos

Volta? B. no tempo
 transferência do instelo
 reado, lago (x)
 ponte novíssima finíssima
 lago desapareceu

* 96 entrou B. e
 todo acabou



Sua janga
 ainda vai
 lá e volta

(graga)



DESACELERAÇÃO E NARRATIVAS NA CIDADE: O BAIRRO DO CASTELO

ANTÓNIO BRITO GUTERRES



Conte uma história importante

① Site onde nunca foi
e gostasse de ir, com
inovação
② Onde tenha um outro

Um processo repetido
para si:
— Criação / geral
— Ideia de estrutura
— Repetição das



Em 2015, a TRAÇA estreou-se no panorama cultural de Lisboa, escolhendo o mais antigo aglomerado populacional da cidade: o Bairro do Castelo. A TRAÇA desenvolve-se num contexto de proximidade, em que objectos, fotografias e filmes servem de mediação entre várias perspectivas da cidade, ampliando narrativas de sítios, contextos e pessoas.

O processo de mediação não se fixa apenas no passado. Na TRAÇA, a memória não é uma ferramenta de saudosismo mas uma forma de reconciliação entre várias partes, que discutem o presente e o futuro.

A proximidade e o processo de trabalho filiam a TRAÇA a uma programação mutável e adaptável. A construção mútua de conhecimento entre as várias partes interessadas, conduziu à realização, ainda no ano de 2015, de um debate na sede do Clube Desportivo do Castelo, sobre as questões da habitação na cidade de Lisboa. Isto, porque no decorrer dessa primeira experiência, fomos todos confrontados com a externalização de

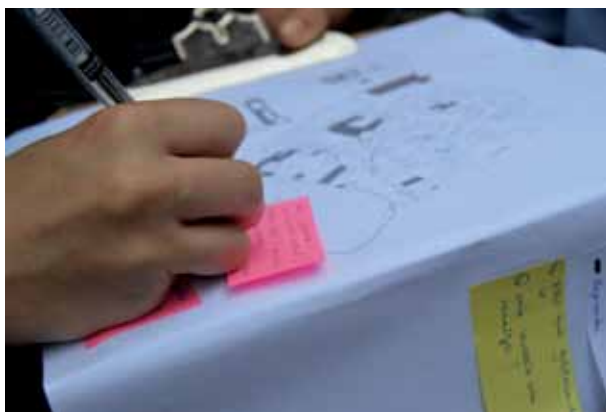
uma depressão colectiva sobre: o que foi? O que é? E, o que será? , o Bairro do Castelo.

Perante as actividades da Mostra, distribuídas por diversos pontos do Bairro, esse debate sem encerramento constituiu-se como o *quorum* que juntou população, responsáveis autárquicos, dirigentes associativos, Egeac, investigadores e público em geral; uma orquestra de contradições e unanimidades .

Das subjectividades emanadas desse encontro, ficaram como pano de fundo, algumas objectividades estatísticas que, de algum modo, levantam o véu sobre o *lebenswelt* da população do Castelo, expresso durante a TRAÇA:

Entre os dois últimos Censos (2001 e 2011), a população da Freguesia do Castelo diminuiu um terço. Nos jovens, essa diminuição chega aos 50%;

Em sentido oposto, é das antigas freguesias que agora constituem Santa Maria Maior, a que ganhou mais população que até cinco anos antes



vivia fora de Lisboa. Um aumento de 131%, que corresponde na sua maioria a novos moradores estrangeiros;

É das antigas freguesias do centro histórico da Cidade em que moram percentualmente mais estrangeiros de origem europeia;

Mais de metade da sua população é viúva, e constitui o Bairro mais envelhecido de Santa Maria Maior;

Em 2016, na secção intramuros do Bairro, a população que pernoita em Airbnb já equivale à população oficial permanente, sendo que os dados sobre estes últimos são de 2011 (Censos).

Estes dados acabam por ser o reflexo da realidade vivida e transmitida pelos moradores, percepcionada pela equipa da TRAÇA durante a Mostra. Primeiro, a falência, na transição para o século XXI, de uma política Municipal assente na reabilitação do edificado do Bairro, apoiada por um gabinete local. Essa política levou ao realojamento de parte da população do Castelo para a zona Oriental da cidade, na previsão de uma reabilitação urbana que significasse o seu re-assentamento mais tarde. Anos passaram a décadas. A alteração de políticas, manteve essa população afastada do Bairro, criando ao mesmo tempo uma bolsa de edifícios devolutos. Segundo, a nova lei das rendas associada às

políticas comumente conhecidas como “Vistos Gold” / “Reformados Gold”, paralelamente ao aumento do turismo, significaram a apropriação de uma série de edifícios, de uma forma veloz, para novos usos e dinâmicas.

A diminuta população do Bairro – reflectida na extinção dos movimentos de representação colectiva (ex: marcha do Castelo e abertura diária do Grupo Desportivo), a perda de uma autonomia autárquica, e o seu enquadramento em torno do monumento mais visitado da cidade (mais de um milhão de entradas anuais no Castelo), contribuíram para o enfraquecimento de um conhecimento mais amplo da situação dos seus moradores.

Foi por isso tudo que voltámos ao Castelo em 2016, num interlúdio entre as duas primeiras edições, para salientar outras narrativas, para além do atropelamento citado, para além da estatística. Porque se a História é uma perspectiva, há outras para contar.

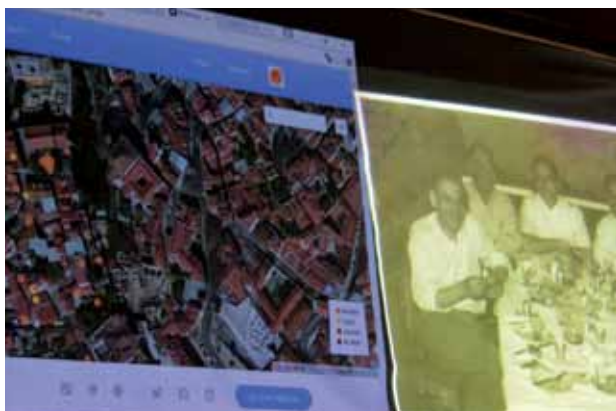
Reunimos com moradores e associações locais. Propôs-se um mapa como objecto de mediação, que seria preenchido em volta de questões temporais: passado, presente e futuro, respectivamente: “Conte uma historia importante para si que tenha acontecido neste mapa?; “Desenhe um percurso seu quotidiano no mapa”; “Assinale um local do Bairro que gostaria de conhecer”.

Do acordo sobre o inquérito, seguiu-se a discussão sobre o processo de mapeamento que decorreria durante um fim de semana inteiro. Moradores, equipa da TRAÇA e antropólogos do coletivo “Chão”, ficaram responsáveis pelo mapeamento que aconteceria de forma portátil na rua em vários pontos do Bairro, enquanto na sede do Grupo Desportivo do Castelo/Há Castelo, haveria mapas maiores, prontos a receber associados e amigos que utilizam o espaço.

A maior parte das “histórias importantes” situam-se na junção do Largo de Santa Cruz do Castelo com as Rua das Flores de Santa Cruz; curiosamente, os arruamentos do Bairro mais distantes da entrada das muralhas, e por isso mais afastadas da ligação com o resto cidade.

O Largo, aparece associado ao conceito de Ágora: ponto de encontro genérico, lugar do extinto mercado, espaço onde se realizava a marcação da Marcha, sítio do chafariz público ou, onde durante os Verões, alguns moradores ensaiavam dormir ao relento em colchões trazidos dos pequenos e quentes apartamentos.

Já a Rua das Flores de Santa Cruz, é citada frequentemente pelos adornos e enfeites dos Santos Populares mas também por ter sido o lugar da antiga sede do Grupo Desportivo do Castelo, onde decorria importante parte da vida social do Bairro.



Curiosamente, para “percursos quotidianos” (ver pp. 26-49), o mais frequentemente citado não corresponde aos lugares mais descritos para histórias, mas sim à Rua de Santa Cruz do Castelo, uma diagonal que permite uma ligação directa entre o Largo de Santa Cruz e a porta da muralha para o exterior do Bairro, de ligação ao resto da cidade. A opção por esse itinerário não corresponde a uma racionalidade medida por distância ou tempo já que, moradores de arruamentos mais próximos da porta da muralha, preferem recuar uma travessa para frequentar a diagonal de Santa Cruz, do que saírem directos para fora do Bairro. Uma espécie de último acto de co-testemunho da vida em comum antes de se entregarem à cidade.

Esses percursos são apresentados neste caderno em papel vegetal de modo a que o leitor possa fazer as diversas correlações possíveis, e compreender possíveis espaços de coesão entre as diversas gerações.

Das “histórias importantes”, podemos olhar para o seu mapeamento não só por georeferência mas também através de uma análise de conteúdo.

Se considerarmos uma escala espacial, mais de oitenta por cento das histórias situam-se no universo “Bairro”. Embora esta proporção possa ser expectável, é interessante referir que a escala “Mundo” dobra o número de

ocorrências de “Cidade”; ou seja, há muito mais referências a relações com o exterior - da relação com turistas e residentes estrangeiros - do que a espaços da cidade de Lisboa externos ao Bairro.

Outra curiosidade das categorizações a partir da análise de conteúdo, é a percepção de que mais de sessenta por cento das histórias respeitam ao espaço público e privado coletivo (associações), ou às dimensões de “partilha” e do “comum”. Nesse aspecto destaca-se: o forno comunitário, a ocupação da casa do Padre após o 25 de Abril para velar os corpos dos moradores, as actividades associadas à organização da Marcha e dos Santos populares, o movimento associativo, a partilha de comida dos estabelecimentos locais com as famílias mais carenciadas do Bairro.

Quanto ao mapeamento do futuro: -“Assinale um local do Bairro que gostaria de conhecer”-; embora pareça inusitado para um bairro de pequena dimensão, a verdade é que há muitos desejos para conquistar. Há casas de famílias mais endinheiradas, com patamares exteriores que funcionam como socacos ao longo da colina e que sempre estiveram interditos à maioria da população ali residente, a não ser que tenham feito parte da força de trabalho dessas famílias. Na mesma categoria de mapeamentos, encontram-se membros das gerações mais novas que desejam conhecer o



Castelo de São Jorge. Durante várias décadas, desde a sua transformação em património, o Castelo serviu como espaço público privilegiado para a população do Bairro. Contudo, desde que se começou a cobrar entradas, a população afastou-se do Castelo na medida em que, apesar de terem direito a entrada gratuita, têm de respeitar as filas de entrada, que não poucas vezes excedem uma hora de espera. Essas regras recentes afastaram a população do Bairro do usufruto quotidiano desse espaço.

Todas as narrativas mapeadas no exercício descrito foram devolvidas numa assembleia pública no Bairro, que contou também com a apresentação de filmes de arquivo e documentais, mostra de fotos familiares e debate. Ao longo deste caderno, podem ser consultados os mapeamentos realizados bem como algumas das histórias partilhadas.

Às transformações aceleradas da cidade, a TRAÇA contrapôs um exercício de desaceleração. Um espaço de reflexão que ultrapasse a estatística, *big data* e as transações de uma comodificação total.

Interessou-nos perceber como, num lugar de correspondência entre território e comunidade, os moradores fizeram cidade, não perdendo uma vocação cosmopolita, e assegurando práticas diárias afirmativas de cidadania que dão lugar àquilo a que se pode chamar de espaço conquistado, filiado, a partir de uma construção coletiva.

O presente caderno é nosso prometido contributo, uma devolução que agregue argumentos para alimentar o conflito permanente que se espera de uma cidade, e para que o desequilíbrio não seja total.

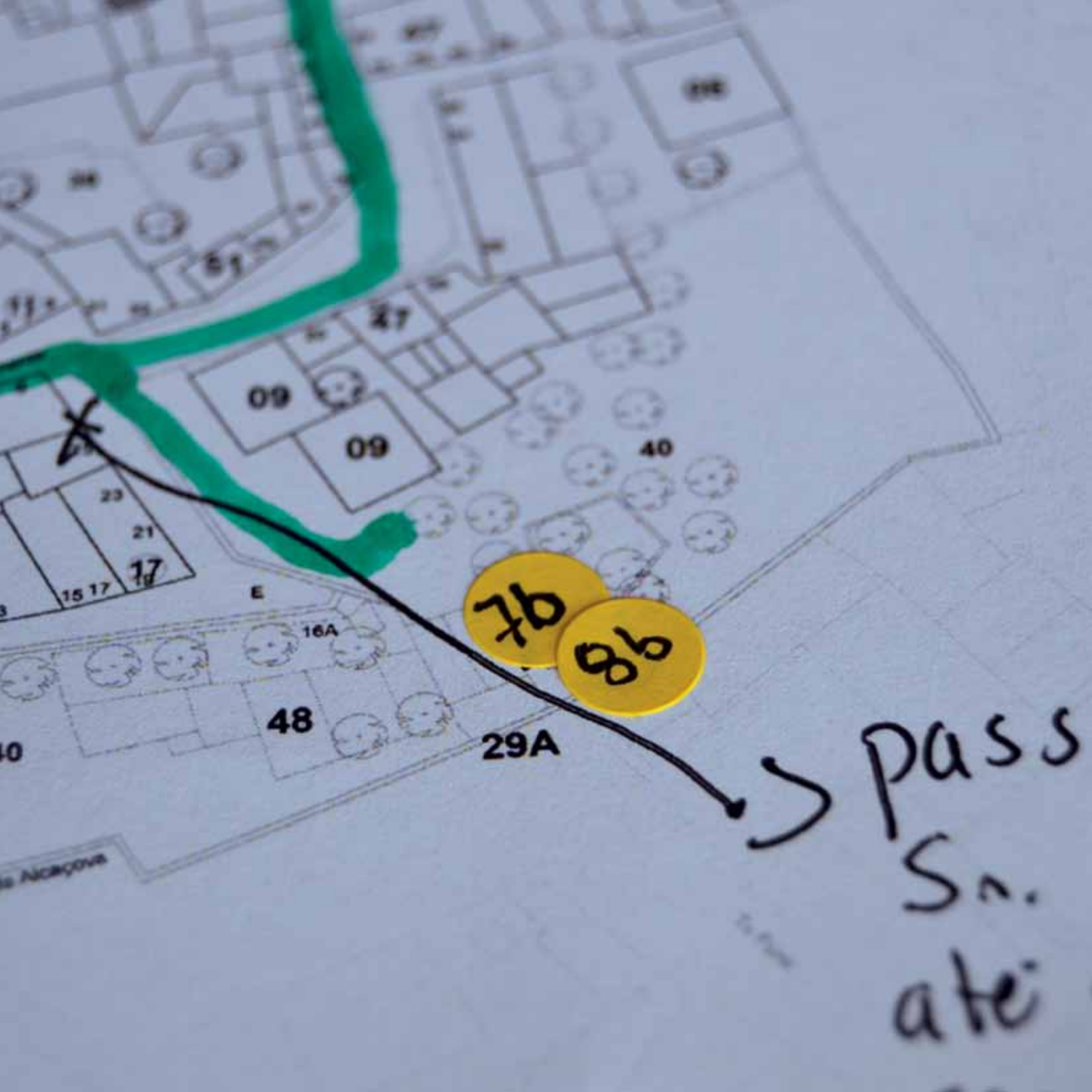
*O autor não escreve ao abrigo do Acordo Ortográfico

FONTES

airbnb.pt

Censos 2011, INE, 2012, Lisboa.

Diagnóstico Social Santa Maria Maior, Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, 2015, Lisboa.



MAPAS

Percursos 24

Partilha e comum 48

Privado coletivo / Espaço público / Outros

Escala 50

Bairro / Casa / Mundo / Cidade

Público e Coletivo 52

Espaço público / Espaço privado_coletivo / Outros

*Entrar no Castelo e ir para casa.
Parar no café do Daniel e depois no café
do Hugo. Ir também à casa do meu pai
onde vive o meu irmão*


*O percurso diário é de casa até à porta do
Castelo*

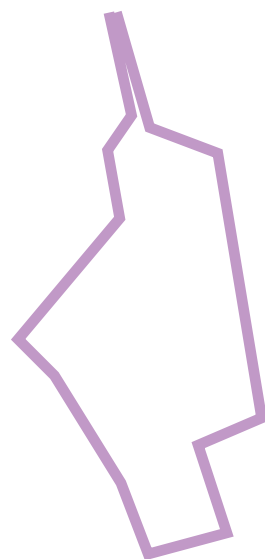
*Hoje em dia só me desloco entre
a minha casa no Beco do Forno do
Castelo e a zona de entrada do Castelo*

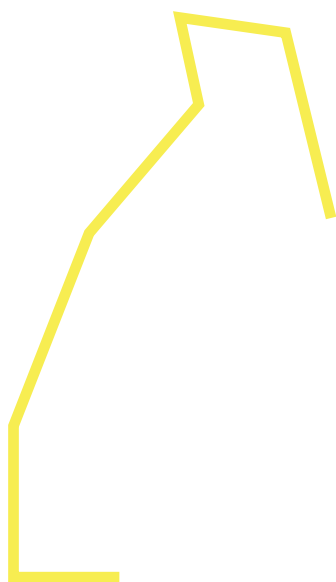
PERCURSOS

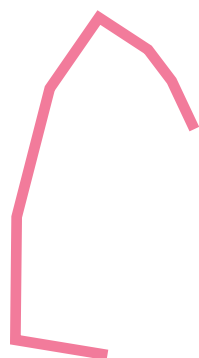
Jovens 

Adultos 

Séniore 










*Saio de casa para as aulas de
pintura na Casa do Governador*

*Vou desde o largo de Santa
Cruz das Flores para a porta do
Castelo, apanhar o autocarro para
a escola*

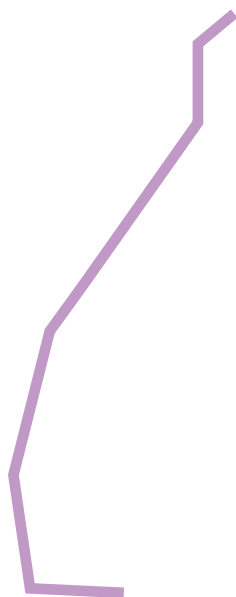
*Saio de casa e vou até à entrada do
Castelo, onde empresto o cartão
do cidadão às pessoas para não
pagarem entrada*

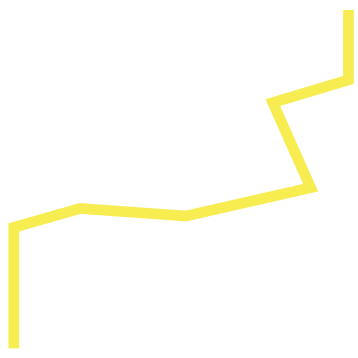
PERCURSOS

Jovens 

Adultos 

Séniore 









O percurso diário é de casa na rua das Flores do Castelo e ir até à porta do Castelo

...passar no sr. Hermínio até ao miradouro, ir comer caracóis ao Desportivo e regressar a casa

Dentro do Castelo ando entre a minha casa e o miradouro

PERCURSOS

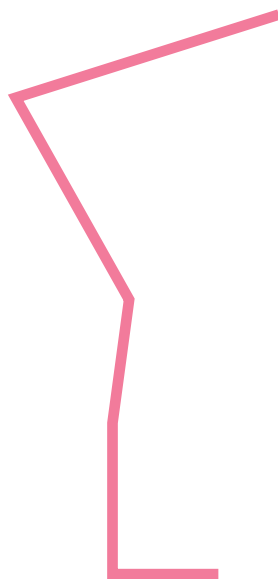
Jovens 

Adultos 

Séniore 









Mercado quinzenal ponto importante da vida social do bairro

...primeiro telefone e primeira tv do Bairro. Todos os anos os excursionistas "vestiam" 5 raparigas e 5 rapazes do bairro. Primeira vez que uma criança teve uns sapatos novos.

Marcha do Castelo não ter desfilado, que tristeza

Transporte em carroça, trazia produtos do mercado da ribeira

Senhor João (Rondão), tinha taberna e mercearia, sopa para vender e à noite dava as sobras aos habitantes do bairro. Vendido a paquistaneses. Vendia peixe: sardinhas e carapaus

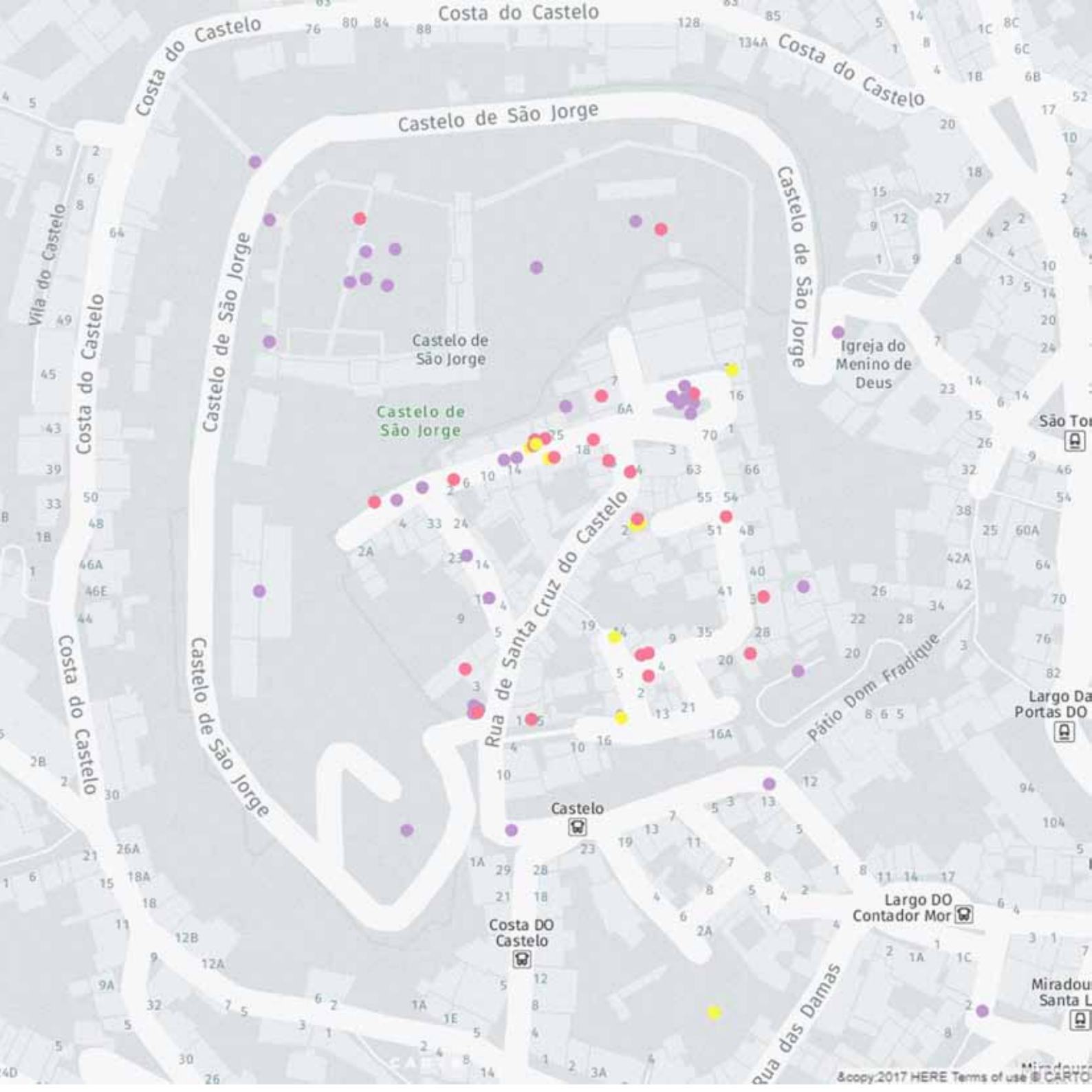
Consultório do Doutor José Pereira, consultas acessíveis para pessoas do Castelo

PARTILHA E COMUM

● Privado coletivo

● Espaço público

● Outros



Grupo excursionista do Castelo e padaria. Primeira excursão em 1906 a Algés.

Emprestei o cartão de cidadão a um turista

Ponto alto da vida do bairro: saída da marcha popular

A minha filha nasceu no n.º 15, 1.º na rua de Santa Cruz das Flores, o mesmo sítio onde nasceu o pai dela. Foi uma parteira alemã que me ajudou, eu morava no 13 mas não havia espaço...

Porta de São Tomé, acesso restrito limita habitantes do Castelo

Mora com os pais há dez anos, desde que voltaram ao bairro. Voltaram porque nasceram aqui

Em 1955 a madame comprou a frente de edifícios e expropriou várias pessoas (100 contos). Estas pessoas foram viver para fora de Lisboa. Corpo diplomático instalou-se e o embaixador muito amigo da Carmo e dos pais foi preso após o 25 de abril pelo Copcom e a mãe da Carmo correu para a rua implorar para que o embaixador não fosse preso

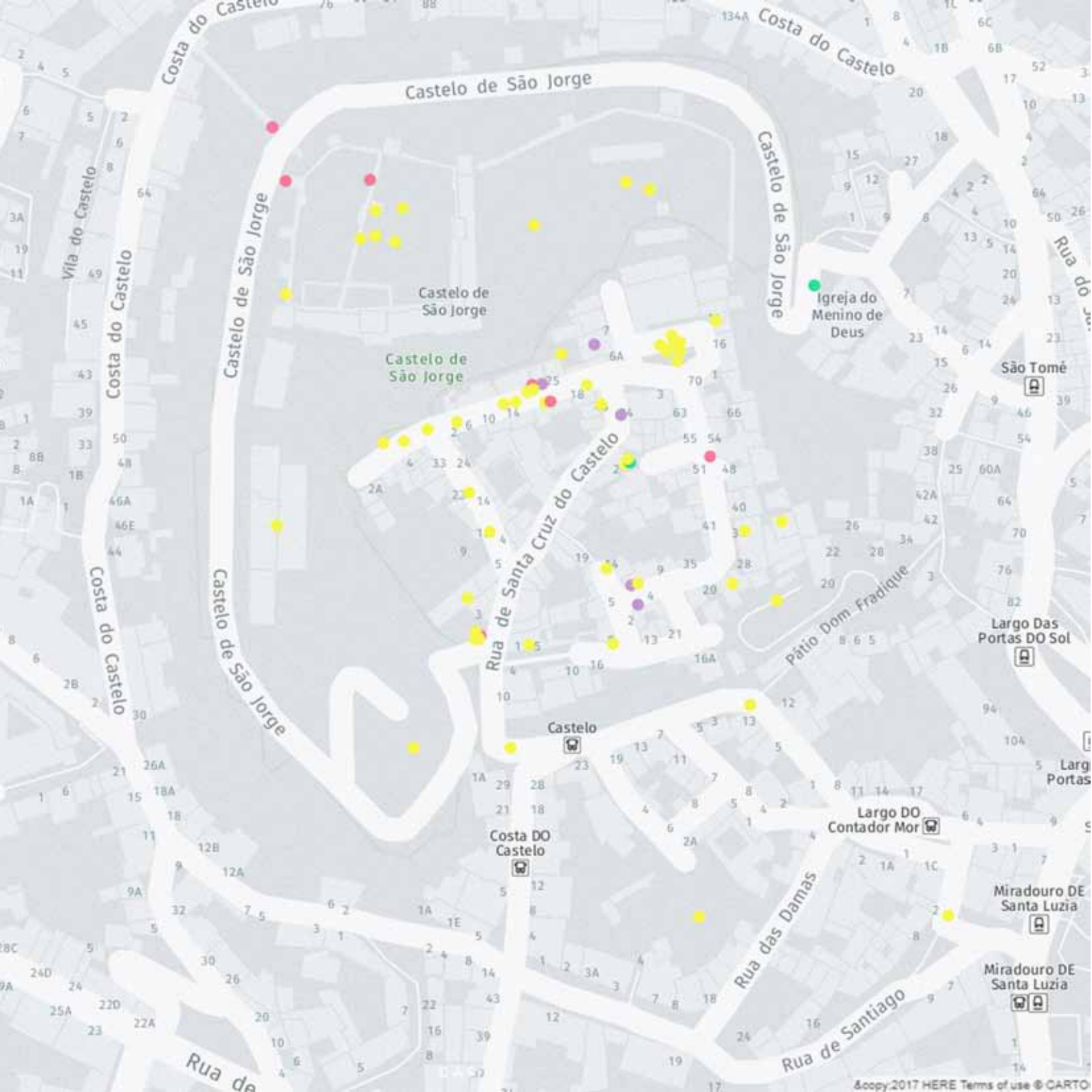
ESCALA

● Bairro

● Casa

● Mundo

● Cidade



Até ao 25 de abril, ponto militar, conflito com o Bairro, porque o edifício pertencia à Legião Portuguesa

Antes do 25 de abril o padre não deixava usar a igreja para velórios, depois do 25 de abril os moradores ocuparam-na e usaram como casa mortuária

Antigamente, durante o verão, a gente tirava os colchões e dormia aqui na rua.

Forno comunitário e silo de cereais. Compra de cereais em conjunto pelas várias famílias e em cada semana uma das famílias fazia o pão para todos

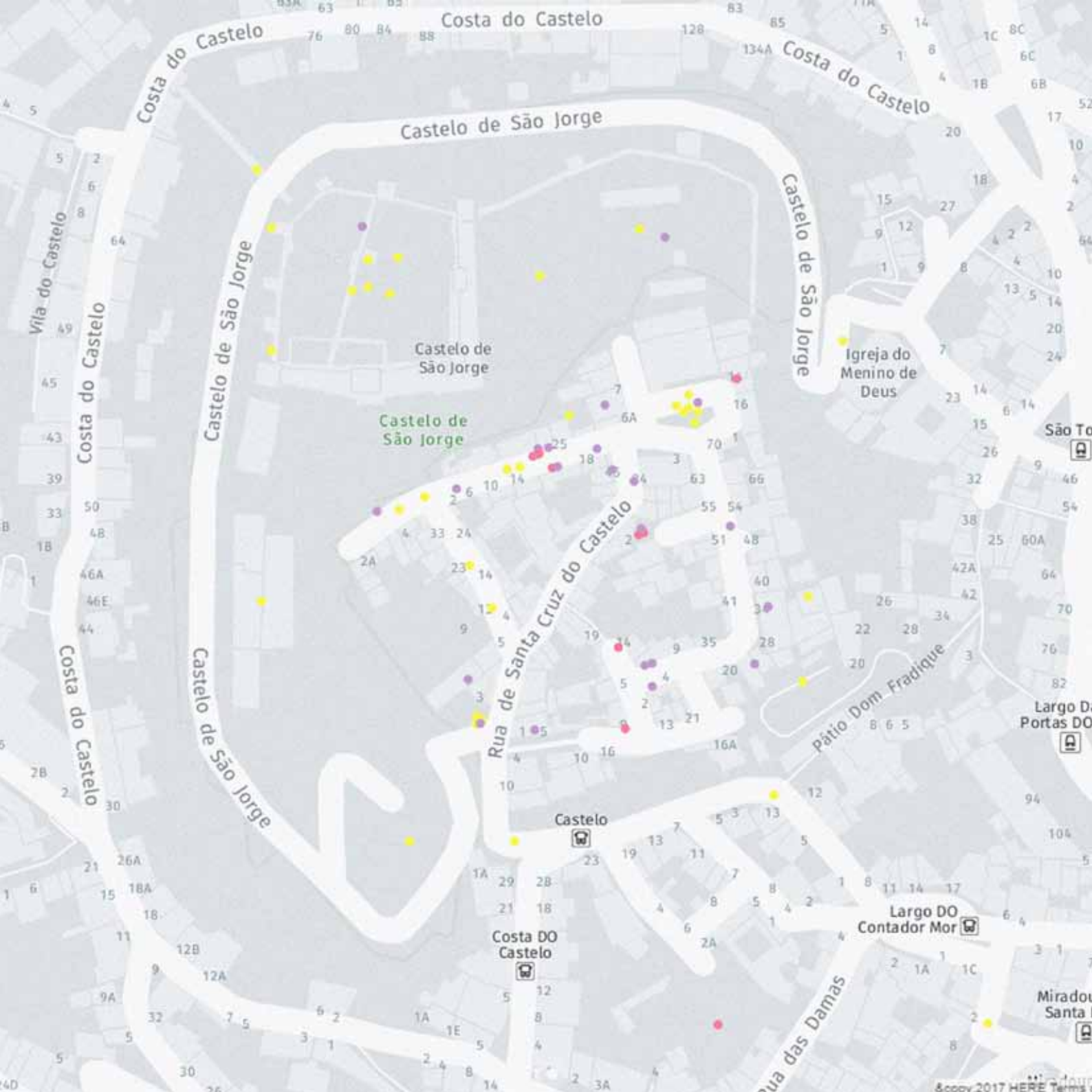
Comércio de peixe, vegetais, petróleo entre moradores e outros habitantes da cidade.

PÚBLICO / COLETIVO

● Espaço público

● Espaço privado/coletivo

● Outros







GUIÃO DE LEITURAS

CASA DA ACHADA



INTRODUÇÃO

A Casa da Achada – Centro Mário Dionísio fica a cerca de 700 metros das portas do bairro do Castelo. As questões relacionadas com a vida da cidade e as mudanças que nela acontecem neste momento são muito semelhantes.

Numa altura em que também na Casa da Achada estávamos a questionar a cidade, num ciclo com várias conversas, oficinas, cinema, etc, fomos desafiados pela Traça para ir ao Castelo. Ligámos então os dois bairros com um passeio a pé, trepando a colina que nos é comum, com pausas pelo meio para leituras de excertos de textos de Mário Dionísio (*Autobiografia*, «O quê professor?!», artigos, poemas) que reflectem sobre a cidade. Sobretudo a de Lisboa, onde o autor sempre morou.

1 Casa da Achada

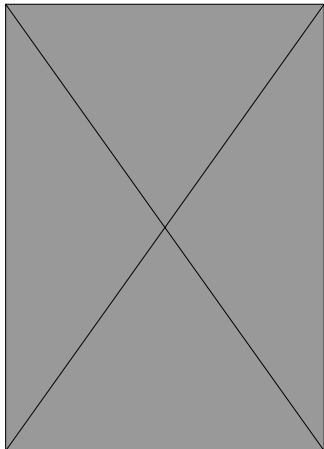
AUTOBIOGRAFIA

Na rua Andrade, número dois, rés-do-chão, ao canto do piano. Eis o que, em garoto, invariavelmente respondia a quem me perguntava: onde é que tu nasceste? Ouvira qualquer coisa parecida, transformara-a. As pessoas gostavam de ouvir a patetice. Faziam-me repeti-la. Eu repetia-a. Ainda sem saber que 1916 havia de carregar-se deste peso todo nos meus ombros, confundindo, para mim, esse ano dos princípios do século com o começo do Mundo. Ano de guerra mundial — a «Grande»! — por onde o meu pai andou a fazer não sei o quê.

[...]

A supradita rua Andrade — um dos vectores a ter em conta, chamemos-lhe o número 1 — era (e é) ali aos Anjos, onde o meu avô (paterno) consumiu a vida, sempre activo, muito alegre, atrás do seu balcão — fazendas, botões, nistros, linhas e retroses —, com altos e baixos de respeito na curva da prosperidade. O piano era o outro vector — chamemos-lhe o número 2. O avô (materno), que morava no Saldanha e tinha uma revista de teatro e música, *Eco Artístico* — vão-se anotando as diferenças... — dera à filha o curso superior do Conservatório (de piano, é evidente) e incutira nela o culto de Camilo e outros que tais, coisas que em casa dos futuros sogros seriam conhecidas, sim, mas só de ouvido.

Dois estratos, portanto, de uma pequena-burguesia trepa-trepa ou trepa-que-não-trepa, a meio palmo de distância na craveira social, mas com as suas rivalidades fervilhando em lume brando sob os sorrisos do bom entendimento, tem de ser. De um lado, herdei o respeito pelo trabalho e pela palavra dada, o dizer as coisas cara a cara, uma costela ainda orgulhosamente popular; do outro, o amor da arte, a atracção do invisível e um pendorzinho aristocratizante que há em todo o artista, seja ele qual e como for. Além disto (não esquecer), o avô paterno era almeidista e o materno, franquista. Os almoços de domingo, mesa grande e toalha muito branca, com a família toda reunida, e, a partir de dada altura, acrescentada com um novo membro (esse, afonsista!), acabavam sempre em clima de procela. Sem que os elementos femininos percebessem porquê tanto barulho. «Vá, acabem lá com isso.»



O QUÊ? PROFESSOR?!

Que significado tiveram para mim esses quatro anos em que trepei, dia a dia, em bando alegre e vagarosamente, nesse tempo em que os rapazes andavam a pé, o caminho do Forno de Tijolo, atravesssei, já mais depressa, o largo da Graça, desci, a passo estugado, a rua da Voz do Operário e frequentei as aulas do velho casarão onde então funcionava o liceu de Gil Vicente?

[...]

Talvez só os passeios vagabundos pelas ruas da Graça e pela Feira da Ladra, pelo torvelinho de S. Tomé e das Escolas Gerais, pelas escadinhas de Alfama até ao Tejo, me tenham feito mais tarde compreender (leia-se: amar) as telas de Vieira da Silva, que ela então ainda não pintara.

2 Largo da Achada

AUTOBIOGRAFIA

Sem pai aos onze anos (tinha ele trinta e quatro), sem avô paterno aos quinze (o materno já lá ia há muito), sem mãe aos dezassete (tinha ela trinta e oito), vivendo depois com uma avó atingida por doença mental, que uns tios haviam de levar para sua casa, longe, cedo me vi completamente só, cercado pelos tais lobos do homem, aliás excelentemente engravatados, os pequenos, melífluos sorrisos, mão rapace. Senhores! Como é que, com dezassete anos e a exclusiva experiência de menino de família, se administra um prédio a cair aos bocados, ainda por cima hipotecado — era



a herança, e se lida com usurários que exibem na parede, por trás da secretária, este dístico solerte que nunca mais esqueci: «A melhor maneira de perder um amigo é emprestar-lhe dinheiro»? O caminho era vender, vender depressa, ainda que ao desbarato, pagar tudo e mais que fosse e, depois, ficar roendo o que restasse. Se alguma coisa restasse.

Foi então com certeza que nasceu em mim para todo o sempre o horror ao mundo dos negócios, o conceito de explorado e explorador (muito antes de ler Marx), a ânsia quixotesca de transformar a vida (nem de nome conhecia ainda Lenine), a descoberta de que o trabalho é a única solução para quem, não preferindo suicidar-se, queira viver com alguma dignidade numa sociedade que a não tem. Mas trabalhar em quê?

AUTOBIOGRAFIA

Ensinar como simples ganha-pão é repugnante. E era o que então fazia. Num colegiozinho de má morte, ao Bairro Alto, onde o não ter o curso concluído nem possuir qualquer diploma para o ofício permitia ao director pagar-me o que bem lhe parecia. Um director de truz, bigodeira de pontas reviradas, bata branca, que também dava a sua aula, sim senhor, mas se ocupava muito mais com vender aos cachopos cadernos, lápis, rebuçados... Artigo 1.º (pensava eu, imaginando leis fundamentais que deveria haver): é expressamente proibida qualquer forma de negócio em matéria de ensino.

3 Escadinhas da Achada NO CAIS

Ó quarteirões de casas escuras
Sem cortinados nas janelas
O dia é como a noite a noite é como o dia
e o Tejo aqui ao lado traz nas águas
pedaços de óleo e restos da cidade

Ó quarteirões de casas escuras
por trás de montes de carvão
que sabeis vós das nuvens dos poetas?
As vossas nuvens são de fumo
do fumo negro dos navios de carga
e de outros fumos negros da cidade
Ruas sem nome Iguais iguais
como estas mãos e essas mãos
como estes pés e esses pés
que a vida deformou
Ó quarteirões de casas escuras
o que enche aqui o ar é este grito repetido
dos guindastes no cais
e a matraca repetida dos comboios
de mercadorias

Ó quarteirões de casas escuras
os barracões engolem homens
os barracões vomitam homens



Rio
foste tu que inspiraste as ninfas ao Poeta?

Rio
és tu que inspiras os poetas?

Ó quarteirões de casas escuras
é impossível que não haja
nenhum sonho escondido e adormecido lá ao fundo
dessas vidraças partidas Que não haja
nenhum riso abafado nos barris de alcatrão
E nenhum canto aqui nestas águas do rio
Nestas águas soturnas soturnas tão soturnas do rio
Velho sentado à porta da taberna
há tantos anos sentado com a perna de pau
à porta da taberna
com teu cachimbo e tua voz tão serena contando
histórias antigas e lendárias
à porta da taberna
Dá teu lugar a outro A qualquer outro
que quebre o fado do velho gramofone da taberna
e conte histórias um pouco mais felizes e mais claras
em vez do vinho na taberna



4 Escadinhas de São Crispim

Olha como passam os navios, como passam...
e como correm os comboios, como correm...
e os aviões como voam, voam...

Vão a caminho de outras terras, do mundo.
Cidades de ruído e movimento,
países, continentes, paisagens, oceanos
e uma ilha suave que nos espera
para nela construirmos a Cidade de Sempre...
Olha como correm, correm,
como nos chamam de longe...

5 Rua das Damas

O problema principal, para mim, seria nunca escrever sobre camponeses que só se tinham visto da janela do comboio, de acordo com o que o Namora dissera na nota introdutória do seu livro do «Novo Cancioneiro»: «Este é um livro da Terra: da Terra que não foi vista da janela do comboio». Nunca escrever, portanto, sobre camponeses moldados nos de romances de alheias literaturas, mas só sobre gente e meios que o autor directamente conhecesse. E tão de dentro quanto possível. Numa entrevista posterior (a tal dada a O Primeiro de Janeiro), tornaria isto bem claro. Era muito natural que, na relação camponeses/operários, os camponeses fossem os preferidos e bem se entenderá porquê. A censura tinha os olhos muito mais abertos para o que se referisse àqueles. Os problemas que os operários suscitavam tornavam-nos mais difíceis (perigosos) de tratar. A explosão no campo (a velha pobreza do camponês) era um tema sabido e de algum modo consentido, tinha uma longa tradição que ajudava a ocultar os novos propósitos com que o abordavam, enquanto a exploração na cidade, sobretudo nas fábricas, era inevitavelmente explosiva.

Mas não havia só camponeses e operários. Havia a sociedade inteira: tudo dependia do «ponto de vista» (ver outra vez a citada entrevista). Havia, nomeadamente, a pequena-burguesia a que todos pertencíamos, que conhecíamos de dentro e que tinha (teria), quanto a mim, um papel importante na situação política portuguesa. Não inventada, mas observada e pessoalmente vivida, a pequena-burguesia permitiria trazer a nossa ficção para a cidade. E foi o que fiz em quase todo O Dia Cinzento. Por isso terá sido tão mal compreendido quando apareceu. Mas a actividade clandestina lá está, e na cidade. Bastou o pequeno truque de dar nomes estrangeiros às personagens (na 1ª. edição), simulando, para a censura, tratar-se duma história da Resistência francesa. As pessoas, contudo, as ruas, os recintos descritos no «Nevoeiro na cidade» são de Lisboa. A casa da personagem principal é na Calçada dos Cavaleiros, o café é em frente da estação do Rossio. Aí os via, escrevendo.

Uma grande cidade moderna, com as suas ruas peçadas e as suas fábricas, os seus cais e os seus cinemas, as suas lojas e os seus armazéns, os seus aeroportos e as suas escolas (o que é apenas uma maneira de dizer: com o homem nas ruas, nas fábricas, nos cais, nos cinemas, nas lojas, nos armazéns, nos aeroportos, nas escolas) é uma constante possibilidade de poesia. Será viável conceber uma criação mais rigorosamente poética do que um plano de Le Corbusier?

Mas defender uma poesia actual, claramente nascendo dos sentimentos actuais, uma verdadeira poesia da cidade, não é advogar – eis o ponto onde



sempre surge o equívoco que tão poderosamente dificulta o amplo florescimento de uma poesia realmente moderna -, não é advogar, dizia eu, a divinização da máquina e do arranha-céus ou, por outras palavras, a substituição dos sentimentos do homem, como motivo poético central, pela hossana, mais ou menos superficial e estereotipada, erguida à máquina e ao arranha-céus em si mesmo considerados. O homem que conduz uma locomotiva, que passa a sua vida debruçado na mesa de um laboratório, que se desloca de aeroplano, que faz a barba com um aparelho eléctrico, que vive habitualmente no meio da multidão,

não tem menos inquietação interior do que o Roldão da gesta de Turolodus, o Jano de Bernardim, o Grandet de Balzac. A sua inquietação é apenas de um outro tipo, de uma outra idade. É uma inquietação com a data de hoje.

[...]

Uma cidade que cresce e se transforma não é apenas a alegria dos prédios novos, das ruas mais largas, da comodidade que chega a pouco e pouco. É também o problema dos homens que hão-de viver nessas e noutras casas; é uma constante transferência de visões e afectos; é o aplauso à modernização e uma súbita, inexplicável tristeza pela que desaparece; é a funda e fértil contradição, latente em todas as pessoas e coisas, provocando um estado poético.¹

¹Os autores não escrevem ao abrigo do Acordo Ortográfico



ORGANIZAÇÃO | Câmara Municipal de Lisboa – Arquivo Municipal de Lisboa/Videoteca | **CO-ORGANIZAÇÃO** | Associação Há Castelo e Casa da Achada **PROGRAMAÇÃO** | Fátima Tomé, Inês Sapeta Dias **EM COLABORAÇÃO COM** António Brito Guterres, Denise Santos, Diana Dionísio, Joana Pinheiro, Pedro Soares e Youri Paiva , **COLABORAÇÃO NA PESQUISA DE CAMPO** | Chão - Coletivo de antropólogos **TEXTOS** | António Brito Guterres, Inês Sapeta Dias e Mário Dionísio **FOTOGRAFIAS** | António Brito Guterres, António José (Tó Zé), Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico, Fátima Rocha, Maria do Carmo (Carmito), **APOIO TÉCNICO** | Álvaro Silva, Pedro Vieira **DESIGN** | Joana Pinheiro

A TRAÇA tem como material de base a coleção de filmes de família do Arquivo Municipal de Lisboa –Videoteca. Alguns destes filmes são de origem desconhecida. Se quiser consultar e procurar as suas imagens, ou se durante alguma projeção reconhecer a sua família, por favor entre em contacto com o AML–Videoteca através do email videoteca@cm-lisboa.pt ou do telefone: 21 817 04 33.

